



Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas

Edineide dos Santos Silva

FONÉTICA E ANÁLISE FONOLÓGICA PRELIMINAR DA LÍNGUA MANXINÉRI

Brasília, fevereiro de 2008.

Edineide dos Santos Silva

FONÉTICA E ANÁLISE FONOLÓGICA PRELIMINAR DA LÍNGUA MANXINÉRI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Lingüística da Universidade de Brasília como pré-requisito para a obtenção do título acadêmico de mestre em Lingüística, sob orientação do professor Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues.

Brasília, fevereiro de 2008.

Edineide dos Santos Silva

FONÉTICA E ANÁLISE FONOLÓGICA PRELIMINAR DA LÍNGUA MANXINÉRI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Lingüística da Universidade Brasília como pré-requisito para a obtenção do título acadêmico de mestre em Lingüística, sob orientação do professor Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues

Universidade de Brasília

Prof. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral

Universidade de Brasília

Prof. Dr. Aldir Santos de Paula

Universidade Federal de Alagoas

Prof. Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis (suplente)

Universidade de Campinas

Brasília, fevereiro de 2008.

Ao povo Manxinéri.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Dr. Aryon D. Rodrigues que, com seus ensinamentos, forneceu os estímulos e as orientações necessárias para a elaboração deste trabalho;

à professora Dra. Ana Suelly A. C. Cabral, pelas observações pertinentes a este trabalho, pelo grande auxílio e companhia durante as viagens de campo;

às professoras Dras. Daniele Marcelle Grannier e Helga Weiss, pelas orientações sobre fonética articulatória;

aos demais professores do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de Brasília por todas as coisas que me ensinaram durante o curso;

à Comissão Pro-Índio do Estado do Acre (CPI-Acre), pela ajuda financeira em todas as viagens de campo e à Malu e à Vera Olinda pelo apoio a minhas atividades em Rio Branco, AC.

RESUMO

Esta pesquisa insere-se no âmbito do projeto “Banco de Dados de Línguas Indígenas do Brasil e de Áreas Adjacentes” do Laboratório de Línguas Indígenas (LALI), coordenado pelo professor Dr. Aryon Rodrigues, e tem por objetivo descrever a fonética e analisar o sistema fonológico da língua Manxinéri (família Aruák) para fins científicos e aplicados.

Nos dois primeiros capítulos, descrevemos a fonética do Manxinéri, língua indígena falada pelos índios Manxinéri, que vivem na Terra Indígena Mamoadate, no estado do Acre, região Norte do Brasil. A descrição fonética foi realizada conforme os critérios articulatórios de modo, de ponto e de ação das pregas vocais para os segmentos consonânticos, e segundo a altura e a posição da língua, a protrusão labial e a posição do véu palatino para os segmentos vocálicos. Em seguida, foi estabelecido o inventário fonético dos sons consonânticos e dos vocálicos apresentados separadamente em quadros ilustrativos. No segundo capítulo, é iniciado um estudo preliminar da fonologia da língua Manxinéri, apresentando as unidades fonologicamente pertinentes – os fonemas – com os respectivos ambientes de ocorrência. Para tanto, foi utilizado o modelo analítico exposto no manual de Pike (1947), com o qual, a partir da descrição fonética dos sons disponíveis, foi possível depreender os fonemas e estabelecer o inventário fonológico da língua com base nos critérios de variação livre, distribuição complementar e oposição. No terceiro capítulo, são apresentadas as combinações de fonemas que formam sílabas, ou seja, o padrão silábico como também a posição do acento na palavra.

Palavras-chave: Lingüística; Fonética, Fonologia. Língua Manxinéri (Aruák); Línguas indígenas, Brasil.

ABSTRACT

This thesis presents the first results of a research carried out as a part of the project "Data Base for Indigenous Languages of Brazil and Adjacent Areas" of the Laboratory for Indigenous Languages of the University of Brasilia. It presents a phonetic descriptions and a preliminary analysis of the phonological system of the Manxinéri language (Arawak family) for scientific and applied purposes. The first two chapters are dedicated to the phonetics of the language spoken by the Manxinéri Indians living in the Terra Indígena Mamoadate in the State of Acre, in northern Brazil. The phonetic description takes into consideration the articulatory features of mode and point of articulation, as well as thaw action of the vocal folds for the consonantal segments, and the tongue position and height, the protrusion of the lips and the position of the velum for the vocalic segments. The phonetic inventory of the consonantal and vocalic sounds was presented in separate tables. In the third chapter, a preliminary phonological study, the distinctive phonological units or phonemes were identified in accordance with their respective environments. Following analytical procedures as those presented in Pike 1947 and taking into consideration the phonetic descriptions in the previous chapters, the phonemic units were identified and the phonological inventory of the language was established on the basis of the criteria of free variation, complementary distribution, and opposition. The fourth chapter deals with some phonotactic facts, such as the constitution of the syllables and the word stress.

Keywords: Linguistic, phonetic, phonology, Manxinéri language (Arawak family), Brazil.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: Breves informações sobre o povo Manxinéri e sua língua	1
Os Manxinéri	1
A família Aruák	2
A língua Manxinéri	3
Corpus	3
Metodologia	4
CAPÍTULO I: Fonética	5
1.1 Segmentos consonantais.....	5
1.1.2 Descrição, ambientes de ocorrência e exemplos dos segmentos consonantais.....	6
1.2 Segmentos vocálicos.....	15
1.2.1 Descrição, ambientes de ocorrência e exemplos dos segmentos vocálicos	16
CAPÍTULO II: Análise fonológica	25
2.1 Segmentos consonantais em distribuição complementar	25
2.2 Fonemas consonantais	26
2.3 Fonemas vocálicos	29
CAPÍTULO III: Sílabas, palavras e acento	31
BIBLIOGRAFIA	32
ANEXO	I

INTRODUÇÃO

Breves informações sobre o povo Manxinéri e sua língua

Os Manxinéri

O povo Manxinéri localiza-se na região do rio Iaco¹, no sul do estado do Acre e nas regiões adjacentes, ao norte da Bolívia e leste do Peru. No Brasil, há grupos Manxinéri na Terra Indígena (TI) Mamoadate² e no seringal Guanabara. A TI Mamoadate possui 313.647 hectares cujos limites são o Igarapé Mamoadate e a fronteira do Brasil com o Peru. Nesta TI há nove aldeias: Peri, Jatobá, Santa Tereza, Santa Cruz, Laranjeira, Senegal, Cumarú, Lago Novo e Extrema. Destas, com exceção da aldeia Senegal, todas se situam à margem direita do rio Iaco.

Existem ainda famílias Manxinéri que vivem em outras localidades: Altamira, Mamoa, Água Boa, Samaúma, Javali, Mutum, Boa Vista, Natal, Paxiubal, Divisão de Guanabara, Mantiqueira e Livramento, todas localizadas no Seringal Guanabara (fora da TI Mamoadate), na região noroeste da Reserva Extrativista, oficialmente sob a jurisdição do município de Sena Madureira (HAVERROTH, 1999).

A divisão do povo Manxinéri no Brasil foi provocada pelo extrativismo da borracha na região, a partir da década de 20. Segundo os Manxinéri mais velhos, o seu povo vivia em grupos que totalizavam aproximadamente 2.000 pessoas, as quais habitavam desde o alto Iaco, a partir do Igarapé Abismo, até a região que é atualmente conhecida como seringal Nova Olinda, chegando até mesmo ao município de Sena Madureira (Socioambiental, 2007). Esta informação não condiz com a do explorador oitocentista Antônio Loureiro afirmando ter identificado os Manxinéri como habitantes naturais do Macauã e

¹ Veja mapa em anexo

² A TI Mamoadate foi criada pela Funai em 1975 e reuni habitantes pertencentes a duas etnias: Manxinéri (família Aruák) e Jaminawa (família Pano).

Caiaté, mas ausentes do laco nos idos de 1880 (cf GONÇALVES, 1991). Conforme contam os Manxinéri “a borracha transformou seu modo de vida, acirrando os conflitos inter e intragrúpis e a dispersão de seus ancestrais, Yineri.” Por outro lado, essa separação os levou para a situação lingüística atual em que os filhos dos índios no seringal Guanabara só falam português, enquanto nas aldeias não se fala a língua portuguesa, sendo a maioria monolíngüe em Manxinéri, com alguns falando também o Espanhol, devido à proximidade com as fronteiras da Bolívia e do Peru.³

A família Aruák

A família de línguas Aruák compreende aproximadamente 40 línguas faladas em oito países da América do Sul e em quatro países da América Central. O primeiro estudioso que reconheceu a unidade genética da família Aruák, à qual pertence a língua Manxinéri foi o padre Gilij em 1783 com base em seu estudo comparativo da língua Maipure, falada na Colômbia, com a língua Moxo, falada na Bolívia, e a denominou de Família Maipure. Um século mais tarde passou a ser chamada Aruák por von den Steinen (1886) ou Arawak por Brinton (1891), sendo essa denominação a mais utilizada entre os estudiosos da família (AIKHENVALD, 1999).

³ Informações obtidas no site www.socioambiental.org

A língua Manxinéri

Na literatura lingüística existente, o nome Piro tem sido usado para se referir às duas variedades de uma língua pertencente à família Aruák, falada tanto no Brasil quanto no Peru, reconhecidas respectivamente pelos nomes Manxinéri e Piro. A variedade Manxinéri falada no Brasil por cerca de 987 indivíduos⁴ ainda não tinha sido objeto de descrição, razão por que encetamos seu estudo.

Corpus

Para este estudo foram gravadas em áudio dez horas em modo analógico e digital de dados da língua Manxinéri e aproximadamente duas horas de gravação digital em áudio e vídeo. O *corpus* foi constituído com palavras soltas, sentenças, narrativas e canções. As palavras soltas foram levantadas com base em uma lista lexical de aproximadamente 1800 itens do Projeto de Documentação das Línguas Indígenas da América do Sul (SAILDP, 1985). Todos os dados coletados foram transcritos e analisados.

⁴ Em 2004, CPI/AC - Comissão Pró-Índio/Acre – Organização não governamental que oferece, dentre outras atividades, cursos de formação de professores e aperfeiçoamento aos indígenas do estado do Acre. Foi por meio da CPI/AC e por intermédio LALI/UnB que eu conheci os Manxinéri e iniciei minha pesquisa sobre os Aspectos fonéticos e fonológicos da língua para o desenvolvimento deste trabalho. A propósito, gostaria de agradecer ao LALI pela a confiança que me foi dada, à CPI/Acre pelo o apóio financeiro e aos professores Manxinéri Chipre e Coração, meus auxiliares de pesquisa.

Metodologia

Num levantamento bibliográfico inicial sobre o povo e a língua Mantxineri foram encontradas duas dissertações de mestrado (GONÇALVES, 1991; PICCOLI, 2002), uma monografia de graduação do professor indígena Jaime Sebastião Prishico Manchineri (“Contagem e medidas tradicionais do povo Manchineri”, 2006), e alguns documentos da FUNAI (“Jaminaua e Manchineri do Alto Rio Iaco”, 1977) e da CPI/Acre (HAVERROTH, 1999) sobre o povo; em relação à língua há apenas registros dos aspectos fonológicos feitos pelos missionários da Missão Novas Tribos do Brasil (idos de 1980). Acrescenta-se a estas fontes uma literatura básica sobre a família lingüística (AIKHENVALD, 1999) à qual pertence a língua Manxinéri e que contempla estudos tipológicos e históricos sobre as línguas Aruák e, portanto, de leitura obrigatória para o desenvolvimento deste trabalho.

A coleta de dados foi realizada em duas situações distintas: (a) por meio de sessões para elicitación de itens, das quais participaram dois auxiliares de pesquisa: Chipre Mantxineri e Coração Mantxineri, com respectivamente 30 e aproximadamente 22 anos de idade; (b) durante as aulas de lingüística para os professores Mantxineri e Asheninka, em colaboração com a professora Ana Suelly A. C. Cabral e cinco falantes nativos da Língua Manxinéri.⁵

Este trabalho utilizou-se da abordagem estruturalista com o objetivo de produzir uma descrição dos fatos fonéticos e fonológicos da língua Manxinéri que sirva de base para um estudo mais aprofundado da fonologia; para futura investigação sistemática da gramática e para o conhecimento científico desta língua. Contribuirá também para elaboração de materiais didáticos para o ensino desta língua nas escolas das aldeias e para o desenvolvimento da escrita da língua, para o qual a análise fonológica é fundamental.

⁵ Trabalho realizado durante todo o mês de fevereiro de 2007 no Curso de Aperfeiçoamento de professores indígenas do estado do Acre, oferecido uma vez ao ano pela CPI/ACRE, em Rio Branco.

CAPÍTULO I

1. FONÉTICA

1.1 SEGMENTOS CONSONANTAIS

Levantamos nos dados da língua Manxinéri 21 sons que conforme os parâmetros articulatórios apresentam características de sons consonantais. Utilizaremos o termo consonantal (C) como equivalente a assilábico de modo a incluir os segmentos vocálicos [w] e [j] que compartilham esta propriedade assilábica. Veja-se o quadro I.

QUADRO I: Inventário fonético dos segmentos consonantais

		bilabiais	alveolares	alveopalatais	palatais	velares	glotais
oclusivos	surdos	p	t			k	
	aspirados	p^h	t^h			k^h	
africados			ts	tʃ	cç		
fricativos			s	ʃ	ç		h
laterais			l				
vibrantes			r				
tepes			ɾ				
flepes			ɹ				
nasais		m	n				
aproximantes		w			j		

1.1.2 Descrição, ambientes de ocorrência e exemplos dos segmentos consonantais

Oclusivos surdos não aspirados

Ocorrem em início de sílaba sem restrições ambientais. Exs.:

[p]: [pa:ti] ‘irmão do pai’, [pã:ntʃi] ‘casa’, [poko'le:tʃi] ‘maloca’, [ka'pajo] ‘mamão’, [tsa:pi] ‘agulha’, [hãne'ha:pi] ‘espelho’.

pa't ^a la:pa	‘galinha’
pepi:ɲini	‘você vai abanar’
'ka:pene	‘burraco, cova’
hi'pohe	‘lago’
sato'lo:pi	‘vassoura’
salwi'ha:pi	‘pau-de-jangada’

[t]: [tiwi] ‘sal’, [to'na:çi] ‘ovo’, [hita'wake] ‘rocha’, [pa:ti] ‘irmão do pai’, [hi'kota] ‘queixo’, [tsi'ko:ti] ‘macaco prego’.

'toti	‘avô’
teja'kali	‘andar ligeiro’
ti'nike	‘ela come’
,kata'hí:ɲ	‘estrela’
sa'weto	‘maracanã’
ka'ja:ti	‘paca’

[k]: [ka:we] ‘cachorro’, [ko:ka] ‘pica-pau’, [ki:na] ‘guariba’, [ʃi'ka:ne] ‘tucano’,
[naka'naka] ‘cobra coral’, [ko:ko] ‘irmão da mãe’.

'kõne	‘murmúrio’
'kopacçi	‘piaba’
mako'kawa	‘nambo’
ma'kiliçi	‘rapaz’
ra'sikε	‘correr’
'ççako	‘cuidado’

Oclusivos surdos aspirados

Ocorrem em distribuição complementar ou em variação livre com os correspondentes oclusivos surdos simples quando há a fricativa glotal em sílaba subsequente ou precedente. Exs.:

[p^h]: [kap^hihali] ‘fumaça’, [kap^hi'halī] ‘poeira’, [hi'p^hehle] ‘menstruação’.

[t^h]: [hī'ma:t^hi] ‘panela’, [nē,ʃ'ikle'hat^hika] ‘congelar-se’.

[k^h]: [ripk^ha'hata] ‘derramar’, [hi'k^hota] ‘queixo’, [k^hi.ɪ] ‘tamanduá’

Africados surdos

Ocorrem no início de sílaba, o alveolar sem restrições, o álveo-palatal e o palatal nunca diante do segmento vocálico central alto [i]. Exs.:

[ts]: [tsi'pa:ta] 'goiaba', [tsolja] 'jerimum', [ka'tsote] 'mergulhão', [katsi'ɰale] 'flecha'.

'tsapi	'agulha'
'tsomi	'espécie de lagarta'
tse'tse.ɪ	'espécie de grilo'
ka'tsota	'espremer'
ka'tsile	'cana brava'
katsi'ɰale	'flecha'

[tʃ]: [tʃiçi] 'esteira, terreno', [ka'tʃole] 'forte', [pã:ntʃi] 'casa', [poko'le:tʃi] 'maloca'.

tʃa'nica	'convite'
tʃawo	'cigano'
ma'tʃito	'terçado'
has'tʃekɐ	'enganchar'
'natʃi	'fome'
pe'tʃetʃi	'espécie de árvore'

[çç]: [ççawa'kni] 'hoje', [ççako] 'cuidado', [hĩ'ççicçi] 'jacamim', [hĩ'ççeta] 'sobrar',

[hĩçço'line] 'muita gente', [kocça] 'também', [hĩçça] 'nós'.

cçi'nikɛ	'tirar sujeira, varrer'
cçawa'kni	'hoje'
hĩ'çicçi	'jacamim'
jo'cçikɛ	'queimar'
'sicço	'fêmea'
'picçi	'grilo'

Fricativos surdos

Todos ocorrem no início de sílaba, mas [s] aparece também em fim de sílaba diante de oclusiva ou africada inicial da sílaba seguinte. Exs.:

[s]: ['sa:ti] 'um', ['si:wa] 'tamanduá-bandeira', ['su:tilɪ] 'pedra', [kasi'ɹɛɹɛ] 'folha',

['hi:sa] 'veneno', [his'kestʃi] 'quadril', [his'potʃi].

'sa:pɛnɛ	'banana'
se'ɹoli	'vermelho'
ma.lisi'kalo	'pescar'
his'kestʃi	'quadril'
'hi:sa	'veneno'
'mosa	coruja

[ʃ]: [ʃa:pa] 'irmã do pai'. [ʃi:mɛ] 'peixe', [hõ:ʃa] 'floresta', [re'ʃi:ɹi] 'cerração',

[po'ʃo:to] 'gato', [hip^ho'ha:ʃɛ] 'lagoa', [hõ:piʃi] 'pato'.

ʃi:nre	‘buriti’
ʃi'wa:ti	‘cesto’
ʃiʃ.ɪ	‘mosca’
raʃi:tʃe	‘cérebro’
çime'kaʃe	‘lavoura de mandioca’
ha'haʃi	‘vara’

[ç]: [çi.ɔ] ‘avó, mãe da mãe’, [çeʃɪ] ‘homem’, [çê:ma] ‘anta’, [to'na:çi] ‘ovo’,

[ʃiçi] ‘milho’, [ʃi'çipa] ‘espiga’, [ʃiçi#he'pate] ‘milho verde’ [ʃi'çiʃa] ‘roça de milho’.

çi'meke	‘mandioca’
çi'pali	‘batata doce’
ʃi'çipa	‘espiga’
kame'çi.ɪ	‘pena’
tiniki'çeta	‘ela comendo’
ma'kiliçi	‘rapaz’

[h]: [ha'haʃi] ‘vara’, [ha:pe.ɔ] ‘papagaio’, [hi'hɛ.ɪ] ‘abano’, [hahã'mĩne] ‘árvore’
[kapa'hi:ɪ] ‘pó’.

hĩmĩnɪ	‘cobra’
hĩmĩna	‘tronco de árvore’
to'lolo'hê:ne	‘girino’
ha'haʃi	‘vara’
hõhĩ	‘dia’
hĩha	‘veneno’

Lateral alveolar sonoro

Ocorre intervocalicamente, nunca no início de palavras.

[l]: [ˈtolo:lo] ‘sapo’, [ˈwalo] ‘coelho’, [ˌɾatalaˈla:ta] ‘chamuscar’, [haˌsuliˈwate] ‘borbulhar, espumar’, [ˈtsolja] ‘jerimum’.

maˈkiloçi	‘moça’
kihle.ɿ	‘bonito’
koˈlwica	‘paleta para fazer caiçúma’
niˈkili	‘comer’
piˈmoli	‘irmão’
kaˈtalo	‘luz’

Vibrante alveolar sonoro

Ocorre só no início de palavras, portanto entre silêncio e vogal.

[r]: [ˈra:ʃi] ‘coração’, [reˈʃi:ɿ] ‘cerração’, [ˌɾɛ.ɹokɐ] ‘lavar’, [riˈʃiˈmikɐ] ‘meter na água’.

ɾɛ.ɹoçiˈnawɐ	‘lavar-se’
rawoˈɹak^hle ~ rawoˈɹak^hle	‘raio’
rawoˈɹate ~ rawoˈɹate	‘relampejar’
ɾaʃiˈpoke	‘soprar(boca)’
rakipaˈka:kɐ	‘incendiar’
ɾatalaˈla:ta	‘chamuscar’

Flepe alveolar lateral

Ocorre intervocalicamente, nunca no início de palavras.

[ɺ]: [nɛ'pɪɔ] 'irmã mais moça', [jo'nɛɹɛ] 'gente', [nɪɹɛ] 'meu pai', [hĩ'ɹɛli] 'beber',

[m^ɛɹɛ:tʃi] 'porco do mato'.

m ^ɛ ɹɛ:tʃi	'porco do mato'
ripi.ɪha'ʃale	'seca'
kasi'ɹɛɹɛ	'folha'
re'ʃi:ɪ	'cerração'
na'nɛɪɪ	'filho do irmão da mãe'
pa'nɛɪɪ	'estrangeiro'
'ha:peɪɔ	'papagaio'
'ka:ʃiɪ	'espingarda'
kapa'hĩ:ɪ	'pó'
kame'çi:ɪ	'pena'

Tepe alveolar sonoro

Ocorre só precedido pelo segmento nasal alveolar sonoro [ɲ]. Exs.:

[ɾ]: [kõ'nreçi] 'pupunha', [tsĩ'nreçi] 'periquito', [ʃi:nre] 'buriti', [kõ:nre] 'seringueira',

[jã:nre] 'andar', [kõ'nreçi] 'inhame'

Nasais sonoras labial e alveolar

Ocorrem em início de sílaba, mas o alveolar [ŋ] também no fim de sílaba diante da consoante africada inicial da sílaba seguinte.

[m]: [m^hre:tʃi] ‘porco do mato’, [ma:isi'kalo] ‘pescar’, [ka'mowa] ‘pombo’, [pamalo] ‘arara’, [ʃime] ‘peixe’, [çē:ma] ‘anta’.

ma'k ^h liçi	‘rapaz’
ma'tʃi:to	‘terçado’
ma:isi'kalo	‘pescar’
himi'liçi	‘colina’
riʃi'mike	‘meter na água’
çē:ma	‘anta’
ʃime	‘peixe’

[ŋ]: [na:to] ‘irmã da mãe’, [ne'piŋo] ‘irmã mais moça’, [kãneka] ‘cacau’, [to'na:çi] ‘ovo’, [ki:na] ‘guariba’, [ʃi'ka:nɛ] ‘tucano’, [kõ:nre] ‘seringueira’, [pã:ntʃi] ‘casa’.

'na:to	‘irmã da mãe’
ne'piŋo	‘irmã mais moça’
kãneka	‘cacau’
'pã:ntʃi	‘oca’
'hã:na	‘abacaxi’
'ki:na	‘guariba’
'ka:pɛnɛ	‘burraco’
'sa:pɛnɛ	‘banana-da-terra’

Aproximantes labiovelar e palatal

Ocorrem em início de sílaba. Exs.:

[w]: ['wẽnɛ] 'rio', ['wato] 'garça negra', [hi'fi'wite] 'fonte', [ja'we.ɔ] 'garça branca',
 ['tiwi] 'sal', ['jawo] 'preguiça', [ka'mowa] 'pombo'.

'walo	'coelho'
'wato	'garça negra'
fi'wa:ti	'cesto'
hi'fi'wite	'fonte'
'siwa	'tamanduá bandeira'
'ka:we	'cachorro'
hi'napwi	'inverno'
ka'mowa	'pombo'

[j]: ['jawo] 'preguiça', [jaha'kali] 'caçar', [jo'nɛ.ɛ] 'gente', [ka'ja:ti] 'paca', ['moje]
 'anum', [poji] 'boi', [kã'no:ja] 'jaboti', ['tsolja] 'jerimum', ['sej:ni ~ 'sejini]
 'mas, porém'.

jaha'kali	'caçar'
ja'we.ɔ	'garça branca'
'jopo	'mogno'
'tsolja	'jerimum'
ka'joli	'pintado (coisa)'
ka'pajo	'mamão'
'moje	'anum'

1.2 SEGMENTOS VOCÁLICOS

Os segmentos vocálicos silábicos registrados nos dados da língua Manxinéri apresentados no Quadro II (no Quadro I figuram os dois segmentos vocálicos assilábios [w] e [j]).

QUADRO II: Inventário fonético dos segmentos vocálicos

		anteriores		centrais		posteriores			
		Não arredondados		arredondados		Não arredondados		arredondados	
		orais	nasais	orais	nasais	orais	nasais	orais	nasais
	fechados	i	ĩ	i	ĩ			u	
altos									
	abertos	ɪ						ʊ	
	fechados	e	ẽ	ɐ				o	õ
médios									
	abertos	ɛ							
	fechados								
baixos									
	abertos			a	ã				

1.2.1 Descrição, ambientes de ocorrência e exemplos dos segmentos vocálicos

Altos anteriores orais

O alto fechado [i] ocorre em sílabas acentuadas e nas que antecedem a acentuada, e também em sílabas finais não acentuadas quando a consoante destas é alveopalatal ou palatal, mas eventualmente também após outras consoantes (em provável flutuação com [ɨ]). O alto aberto [ɪ] ocorre só em sílabas finais não acentuadas cuja consoante não é palatal nem alveopalatal.

Exs.:

[i]: [hí:sa] ‘veneno’, [tʃiçi] ‘esteira’, [ʃi'ka:nɛ] ‘tucano’, [ma.ɨsi'kalo] ‘pescar’,
[kata'hi:ɨ] ‘estrela’, [his'potʃi] ‘lábio’, [pã:ntʃi] ‘casa’, [haʃi'haçi] ‘pote’,
[sato'lo:pi] ‘vassoura’.

hita'wakɛ	‘rocha’
re'fi:ɨ	‘cerração’
ma'tʃi:to	‘terçado’
,haʃi'haçi	‘pote’
kame'çi:ɨ	‘pena’
to'na:çi	‘ovo’
'natʃi	‘fome’
ha'haʃi	‘vara’
'çetʃi	‘rede’
sato'lo:pi	‘vassoura’

[ɪ]: [re'ʃi:ɪ] 'cerração', [ka'ʃi:ɪ] 'espingarda', [kapa'hi:ɪ] 'pó', [ʃeʃɪ] 'homem'.

popi'ɪɪ	'seco'
kata'hí:ɪ	'estrela'
na'nɛɪ	'filho do irmão da mãe'
pa'nɛɪ	'estrangeiro'
tsi'nreçi	'periquito'

Médios anteriores orais

O médio fechado [e] ocorre em sílabas iniciais, mediais e finais. Exs.:

[e]: [ʃetʃi] 'rede', [m^hɛ:tʃi] 'porco do mato', [ʃeʃɪ] 'homem', [ko'ketʃi] 'mandíbula',
[ka:we] 'cachorro', [kã'netʃi] 'braço', [jo'nɛɛ] 'gente'.

kãneka	'cacau'
poko'le:tʃi	'maloca'
çi'wetʃi	'cabeça'
ko'ketʃi	'mandíbula'
kã'netʃi	'braço'
has'tʃekɛ	'engachar'
tsi'nreçi	'periquito'
'ka:we	'cachorro'
jo'nɛɛ	'gente'
ripiɪha'ʃale	'seca'
hĩpã'na:le	'morrer'

O médio aberto [ɛ] ocorre em sílabas iniciais, mediais e finais, exceto em sílabas finais cuja consoante é alveopalatal ou palatal. Exs.:

[ɛ]: [rɛɾokɛ] 'lavar', [nɛ'piɯ] 'irmão mais moço', [pɔ'lɛɾɔ] 'azul', [çɪ'mɛkɛ] 'mandioca', [çimɛ'kaʃɛ] 'lavoura', [ʃi'ka:nɛ] 'tucano'.

rɛɾoçi'nawɛ	'lavar-se'
nɛ'piɯ	'irmã mais moça'
ʃiçi#hɛ'pate	'milho verde'
hi'hɛɾi	'abano'
çi'mɛkɛ	'mandioca'
na'nɛɯ	'filho do irmão da mãe'
jo'nɛɾɛ	'gente'
pɔ'lɛɾɔ	'azul'
çimɛ'kaʃɛ	'lavoura'
ʃi'ka:nɛ	'tucano'
to'lolo'hɛ:nɛ	'girino'

Altos centrais orais

O alto fechado [i] ocorre em sílabas iniciais, mediais e finais, exceto quando a consoante precedente é alveopalatal ou palatal. O alto aberto [ɪ] ocorre só em sílabas finais cuja consoante é alveolar. Exs.:

[i]: [tiwi] 'sal', [siwa] 'tamanduá bandeira', [tsi'ko:ti] 'macaco prego', [nɛ'piɯ] 'irmão mais moço', [hitaki'liʃɛ] 'bosque', [sa:ti] 'um (masculino)', [tsa:pi] 'agulha', [hi'ma:tʰi] 'panela'

kasi'ɛ:ɛ	'folha'
tewi'tê:nta	'pulseira'
m^âti:ɪ	'criança, bebê'
hĩ'wiɛ	'fonte'
,hĩkã'naɛ	'poço'
hĩ'tak'li	'planta'
ka'ja:ti	'paca'
,jaha'kali	'caçar'
fĩ'wa:ti	'cesto'

[ɪ]: [tsi'ko:ti] 'macaco prego', [ka:'tsili] 'cana brava', [kasulu'çi:ɪ] 'seixo', [hĩmĩni] 'cobra'.

ne'pi:ɪ	'irmão mais moço'
m^âti:ɪ	'criança, bebê'
tsi'ko:ti	'macaco prego'
hĩmĩni	'cobra'

Baixos centrais orais

O baixo aberto [a] ocorrem em sílabas iniciais, mediais e finais. O baixo fechado [ɐ] ocorre só em sílaba final. Exs.:

[a]: [fapa]'irmã do pai', [jawo] 'preguiça', [walo] 'coelho', [ka'pajo] 'mamão', [fĩ'wa:ti] 'cesto', [jaha'kali] 'caçar', [naka'naka] 'cobra coral', [hi:sa] 'veneno', [po'tênta] 'jacu'.

'sa:to	'um' (feminino)
'walo	'coelho'
'ka:we	'cachorro'
ma'tʃi:to	'terçado'
ka'ja:ti	'paca'
pat ^a 'la:pa	'galinha'
ka'talo	'luz'
hã'mala	'rio abaixo'
kã'no:ja	'jabuti'
'hĩ:sa	'veneno'
po'tênta	'jacu'

[ɛ]: [ʃime] 'peixe', [reɔkɛ] 'lavar', [çime'kaʃɛ] 'lavoura', [rawo'ɾate] 'relampejar',
[hi'pohɛ] 'lago'.

hĩta'wakɛ	'rocha'
re.ɾoçinawɛ	'lavar-se'
hahã'mĩnɛ	'árvore'
'wã:ne	'entre'

Altos posteriores orais

O alto fechado [u] e o alto aberto [ʊ] ocorrem em sílabas iniciais e mediais. Exs.:

[u]: [su:tili] ‘pedra’, [kasulu'çi.ɪ] ‘seixo’, [kasu'li.ɪ] ‘espuma’, [ha,suli'watɐ] ‘borbulhar’.

[o]: [hʊ'wika] ‘longe’, [rɛ.ɾokɐ] ‘lavar’, [rawo'ɾatɐ] ‘relampejar’, [ka'tsalɔ] ‘chicote’, [hípo'ha:fɐ] ‘lagoa’.

hí'poɐ	‘lago’
,rɛ.ɾoçinawɐ	‘lavar-se’
,rawo'ɾak'le ~ ,rawo'ɾak'le	‘raio’

Médios posteriores orais

O médio fechado [o] ocorre em sílabas iniciais, mediais e finais.

[o]: [jopo] ‘mogno’, [ko:ko] ‘irmão da mãe’, [to'na:çi] ‘ovo’, [tolo:lo] ‘sapo’, [poko'le:tʃi] ‘maloca’, [nɛ'pi.ɾo] ‘irmã mais moça’, [na:to] ‘irmã da mãe’, [ka'pajo] ‘mamão’.

'ko:ko	'irmão da mãe'
jo'nɛ.ɛ	'gente'
'ho:p'ʃi	'pato'
tsi'ko:tɪ	'macaco prego'
kã'no:ja	'jabuti'
sato'lo:pi	'vassoura'
'jawo	'preguiça'
'walo	'coelho'
ja'weɾo	'garça branca'
ma'tʃi:to	'terçado'
ka'talo	'luz'

Segmentos vocálicos nasais

Ocorrem em palavras que contêm consoantes nasais, em geral precedendo essas consoantes, mas às vezes também após elas. Exs.:

[ĩ]: ['kĩna] 'guariba', [hĩ'ma:t'hi] 'panela', ['hĩmĩni] 'cobra'

'hĩmhĩ	'gordura'
hĩ'hĩte	'carne'
nĩkale'hĩti	'carne de comer'
hĩ'mĩni	'cobra'
hõ,hĩmõ'kõhi	'nuvem'

[ē]: [çē:ma] ‘anta’, [tewi'tē:nta] ‘pulseira’, [nōte'jēni] ‘meninos’, [to'lolo'hē:ne] ‘girino’, [tēno] ‘alto (lugar)’, [to'netʃi ~ tō'nētʃi] ‘seio’.

tōnē'tʃihã	‘leite de mulher’
po'tēnta	‘jacu’
to'lolo'hē:ne	‘girino’
hwa'p ^h ihē	‘algodão’
sapã'napi'tohē	‘penca de banana’

[i]: [tsi'nreçi] ‘periquito’, [himi:ni] ‘cobra’, [hi'mi:na] ‘tronco de árvore’.

hípã'na:li	‘morrer’
hípã'natʃi:li	‘morto’
hahã'mi:ne	‘árvore’

[ã]: [hã:na] ‘abacaxi’, [kãneka] ‘cacau’, [hã'mitʃi] ‘ombro’, [hikã'nahɛ] ‘poço’, [ro'pãã] ‘fígado’, [kã:nre] ‘mandioca’ (de fazer farinha) .

kã'nawa	‘canoa’
hãne'ha:pi	‘espelho’
mã'nreçi	‘inhome’
kã'no:ja	‘jabuti’
'jã:nre	‘andar’
hípã'na:le	‘morrer’

hahã'mĩne	'árvore'
hãfã'nãfa	'capoeira'

[õ]: ['kõmãle] 'pimenta', [kõ'nreçi] 'pupunha', [tẽnõ] 'alto (lugar)', [hõ,hĩmõ'kõhı] 'nuvens'.

'kõ:nre	'seringueira, borracha'
'hõ:fa	'floresta'
'kõmãle	'pimenta'
'hõ:pĩfi	'pato'
nõte'.rēni	'meninos'

CAPÍTULO II

2. ANÁLISE FONOLÓGICA

2.1 Segmentos consonantais em distribuição complementar

Acham-se em distribuição complementar e devem ser considerados realizações alofônicas de um mesmo fonema os seguintes segmentos:

Os oclusivos surdos aspirados e seus correspondentes não aspirados.

[r], que só ocorre no início de palavras está em distribuição complementar com [ɹ] e [l], que nunca ocorrem nessa situação. Mas, enquanto que [ɹ] ocorre só diante de vogal anterior o [l] ocorre diante de vogais não anteriores em sílaba cujo segmento consonantal é precedido por outro segmento assilábico ([se'ɹehle] 'escorrer'). Concluímos que [r], [l] e [ɹ] são variantes alofônicas do mesmo fonema /r/, que se define como alveolar sonoro oral.

[ɾ], que só ocorre após o segmento nasal [n] pode ser considerado variante alofônica do [r] e do lateral [l], que nunca ocorrem nessa situação. Assim, ambos integram o fonema /r/.

[ç], que só ocorre diante de segmentos vocálicos anteriores, e [k], de que há só raras ocorrências nessa situação, algumas destas possivelmente em flutuação com [ç]. Uma decisão preliminar é considerar [ç] variante alofônica do fonema obstruinte /k/.

2.2 Fonemas Consonantais

Obstruintes oclusivos e africados (todos surdos):

Oclusivo labial /p/ [p ~ p^h]: /pati/ [ˈpati] ‘irmão do pai’, /kapajo/ [kaˈpajo] ‘mamão’, /hakópiha/ [haˈkop^hiha] ‘cacimba’.

Oclusivo alveolar /t/ [t ~ t^h]: /tonaki/ [toˈna:çi] ‘ovo’, /hikota/ [hiˈkota] ‘queixo’, /himati/ [hiˈma:t^hi] ‘panela’.

Oclusivo velar /k/ [k ~ k^h ~ ç]: /koka/ [ˈko:ka] ‘pica-pau’, /ʃikanε/ [ʃiˈka:nε] ‘tucano’, /kina/ [ˈki:na] ‘guariba’, /kiro/ [ˈçi.ɾo] ‘avó, mãe da mãe’, /kema/ [ˈçē:ma] ‘anta’.

Africado alveolar /ts/ [ts ~ ts^h]: /tsipata/ [tsiˈpa:ta] ‘goiaba’, /tsoria/ [ˈtsolja] ‘jerimum’, /katsaru/ [kaˈtsalu] ‘chicote’, /tsikotihamire/ [ts^hikot^hihaˈmi.ɾe] ‘macaco de cheiro’.

Africado alveopalatal /tʃ/ [tʃ]: /tʃiki/ [ˈtʃiçi] ‘esteira, terreno’, /hitʃa/ [hitʃa] ‘nós’, /sitʃo/ [ˈsitʃo] ‘fêmea’, /pantʃi/ [ˈpã:ntʃi] ‘casa’, /pokoretʃi/ [ˌpokoˈle:tʃi] ‘maloca’.

Africado palatal /çç/ [çç]: /ççako/ [ˈççako] ‘cuidado’, /ççawakni/ [ççawaˈkni] ‘hoje’, /hicçeta/ [hiˈççeta] ‘sobrar’, /hicçorine/ [hiççoˈline] ‘muita gente’, /kocça/ [ˈkocça] ‘também’, /hicça/ [hiçça] ‘nós’, /hicçicçi/ [hiˈççicçi] ‘jacamim’.

Obstruintes fricativos

Fricativo alveolar /s/ [s]: /sati/ ['sa:ti] 'um', /sotri/ ['su:tiɫ ~ 'sotli] 'pedra', /hisa/ ['hĩ:sa] 'veneno', /hiskestʃi/ [his'kestʃi] 'quadril'.

Fricativo alveopalatal /ʃ/ [ʃ]: /ʃima/ [ʃi:mɐ] 'peixe', /honʃa/ [hõ:ʃa] 'floresta', /poʃoto/ [po'ʃo:to] 'gato', /hopʃi/ [hõ:piʃi] 'pato'.

Fricativo glotal /h/ [h]: /hapro/ [ha'pe.ɾo] 'papagaio', /hiheri/ [hi'hɛ.ɾi] 'abano', /hahaʃi/ [ha'haʃi] 'vara'

Sonorantes nasais:

Nasal labial /m/ [m]: /mretʃi/ [m^ɛ.ɾe:tʃi] 'porco do mato', /pamro/ [pamãlo] 'arara', /kamowa/ [ka'mowa] 'pombo', /ʃima/ [ʃimɐ] 'peixe'.

Nasal alveolar /n/ [n]: /nato/ [na:to] 'irmã da mãe', /tonaki/ [to'na:çi] 'ovo', /konre/ [kõ:nre] 'seringueira', /pantʃi/ [pã:ntʃi] 'casa'.

Sonorantes orais:

Alveolar /r/ [r ~ l ~ ɽ ~ ɾ]: /réruka/ [ɾɛ.ɾokɐ] 'lavar', /híleri/ [hĩ.ɾeli] 'beber', /troro/ [tolo:lo] 'sapo', /nire/ [ni.ɾe] 'meu pai', /kanre/ [kã:nre] 'aipim', /konreki/ [kõ'nreçi] 'pupunha'.

Labiovelar /w/ [w̥]: /wena/ [ˈwɛnɛ] ‘rio’, /wato/ [ˈwato] ‘garça negra’, /jawero/ [jaˈwɛɾo] ‘garça branca’, /tiwi/ [ˈtiwi] ‘sal’, /jowo/ [ˈjowo] ‘preguiça’.

Palatal /j/ [j]: /jahakari/ [ˌjahaˈkali] ‘caçar’, /jonere/ [joˈnɛɾɛ] ‘gente’, /kajati/ [kaˈjaːti] ‘paca’, /poji/ [ˈpoji] ‘boi’, /sejni/ [ˈsejːni ~ ˈsejini] ‘mas, porém’.

Depreendemos desta análise preliminar quinze fonemas apresentados a seguir:

	bilabiais	alveolares	alveopalatais	palatais	velares	glotais
	p	t			k	
obstruintes		ts	tʃ	cç		
		s	ʃ	ç		h
		r				
sonorantes	m	n				
	w			j		

2.3 Fonemas vocálicos

Os segmentos vocálicos nasais ocorrem condicionados não só pelas consoantes nasais, como também pelo fonema fricativo glotal. Sendo assim condicionada pelo contexto consonantal, a nasalidade das vogais não é distintiva, isto é, não é fonêmica.

Embora na transcrição fonética tenha sido registrada a ocorrência de segmentos vocálicos longos, observa-se que essa ocorrência está associada facultativamente ao acento de intensidade, de modo que também não é distintiva.

Anterior alto /i/ [i ~ i: ~ ɪ ~ ĩ]: /fikane/ [f'i'ka:nɛ] 'tucano', /hispotʃi/ [his'potʃi] 'lábio', /katahiri/ [kata'hi:ɪ] 'estrela', [kata'hi:ɪ] 'estrela', /himhi/ [h'ímhĩ] 'gordura', /kina/ [k'ína] 'guariba'.

Anterior baixo /e/ [e ~ e: ~ ɛ ~ é]: /çetʃi/ [çetʃi] 'rede', /koketʃi/ [ko'ketʃi] 'mandíbula', /mretʃi/ [m'ɛ:ɛtʃi], /panere/ [pa'nɛ:ɪ] 'estrangeiro', /fikane/ [f'i'ka:nɛ], /potenta/ [po'tɛnta] 'jacu', /tonetʃi/ [to'netʃi ~ tō'nɛtʃi] 'seio'.

Central alto /i/ [i ~ i: ~ ɪ ~ ĩ]: /nire/ [ni'ɲɛ] 'meu pai', /nepiri/ [ne'pi:ɪ] 'irmão mais moço', /kajati/ [ka'ja:ti] 'paca', /tsikoti/ [tsi'ko:ti] 'macaco prego', /himni/ [h'ímĩni] 'cobra'.

Central baixo /a/ [a ~ a: ~ ɐ ~ ã]: /japa/ [j'apa] 'irmã do pai', /kataro/ [ka'talo] 'luz', /kawe/ [ka:we] 'cachorro', /pati/ [pa:ti ~ 'pati] 'irmão do pai', /jima/ [j'ime]

'peixe', /hitawaka/ [hita'waka] 'rocha', /kaneka/ [kãneka] 'cacau',
/hanehapi/ [hãne'ha:pi] 'espelho'.

Posterior /o/ [u ~ u ~ o ~ o: ~ õ ~ õ]: /kasoroçiri/ [kasulu'çi.ɾi] 'seixo', /sotri/ [su:tili]
'pedra', /reroka/ [re.ɾoke] 'lavar', /jopo/ [jopo] 'mogno', /koko/ [ko:ko]
'irmão da mãe', /jawero/ [ja'we.ɾo] 'garça branca', /tlolo/ [tolo:lo] 'sapo',
/komri/ [kômãli] 'pimenta', /hohimokohi/ [hõ,hímõ'kõhi] 'nuvens'.

Considerados os casos de distribuição complementar e de flutuação ou
variação livre, a língua Manxinéri tem cinco fonemas vocálicos. Veja:

	anteriores	centrais	posteriores
altos	i	i	
não- altos	e	a	o

CAPÍTULO III

3. Sílabas, palavras e acento

A maioria das palavras do Manxinéri tem de duas a quatro sílabas, mas há também palavras com cinco ou mais. Os núcleos das sílabas são constituídos por uma única vogal, não havendo núcleos complexos ou ditongados. Todas as sílabas são iniciadas por consoantes e todas terminam pela vogal do núcleo, isto é, são esquematicamente CV ou CCV. Todos os fonemas consonantais ocorrem em sílabas CV, mas ainda não é possível determinar a totalidade das combinações possíveis de fonemas consonantais em sílabas CCV. Nestas há exemplos não só de momentâneas (oclusivas) seguidas de contínuas (fricativas) (p. ex. /hopʃi/ [h^o:pʃi] ‘pato’, /hiphohajʃa/ [hip^ho^hha:ʃɛ] ‘lagoa’, /khiri/ [k^hiri]) e de sonorantes (p. ex. /patrapa/ [pat^ala:pa] ‘galinha’, /hitakre/ [hi^takⁱle] ‘planta’, /treha/ [t^hɛ:ha] ‘várzea’), mas também de contínuas seguidas de momentâneas (p. ex. /mtirene/ [m^ãti:ɛ:ne] ‘meninos’, /hiskestʃi/ [his^kestʃi] ‘quadril’) e de contínuas seguidas de contínuas (p. ex. /komri/ [[komli]] ‘pimenta’, /manreki/ [maⁿreçi] ‘inhame’, /himni/ [hímni] ‘cobra’, /himhi/ [hímhi] ‘gordura’, /serehre/ [se^rehle] ‘escorrer’, /tsorja/ [tsolja] ‘jerimum’, /wajra/ [wajla] ‘embiriba’). A vogal breve ou muito breve percebida entre os dois segmentos consonantais é provavelmente uma transição aberta opcional entre os mesmos, fonologicamente irrelevante.

Como há seqüências de duas consoantes também no início de palavras (/mtirene/. /khiri/), é provável que também em sílabas internas essas seqüências se situem fonologicamente no início das sílabas (/CCV/), embora sua realização fonética possa ser percebida em alguns casos como distribuída entre as duas sílabas ([VC.CV]). Esta situação requer mais estudo, sobretudo quando houver dados mais abundantes não só do léxico, mas também dos processos morfofonológicos dos paradigmas nominais e verbais. A última sílaba da palavra é sempre de menor intensidade e a penúltima é sempre a de intensidade mais forte, de modo que a intensidade não é fator distintivo entre as palavras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIKHENVALD, Alexandra Y. ; DIXON, R. M. W.(orgs.). *The Amazonian Languages*. p. 107-124. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

BRINTON, D. G. *The American race*. New York: Hodges Publisher, 1891.

CALLOU, Dinah ; LEITE Yonne. *Iniciação à Fonética e à Fonologia*. Jorge Zahar Editor. RJ., 1988.

CÂMARA Jr, J.M. *Dicionário de lingüística e gramática: referente à língua portuguesa*. 23. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

DUBOIS, J. et alli. *Dicionário de lingüística*. Trad. Blikstein I. et alli. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

FUNAI (Fundação Nacional do Índio), *Jaminaua e Machineri do Alto Rio Iaco*. Brasília: Núcleo de História Indígena e do Indigenismo, Fundação Nacional do Índio, Ministério do Interior, 1977.

GONÇALVES, M. A., *Acre: História e Etnologia*. Rio de Janeiro: Núcleo de Etnologia Indígena, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1991.

HAVERROTH, M., *Relatório da Viagem à Terra Indígena Mamoadate*. Rio Branco: Comissão Pró-Índio. Programa de Saúde Sujo, Limpo & Contaminado. Capacitação de Agentes de Saúde em Higiene e Saneamento Ambiental e Assistência Primária de Saúde, 1999.

Instituto Socioambiental. *Povos indígenas no Brasil*. Disponível em: <<http://www.socioambiental.org>>. Acesso em: 19 de abril de 2007.

KINDELL, Gloria Elaine. *Guia de análise fonológica*. 3. edição. Revisão e atualização de Dalva del Vigna. Editoração de Loraine Irene Bridgeman. Porto Velho: SIL. 1997.

LADEFOGED, Peter. *Vowels and Consonants: an introduction in the sounds of the language*. 2. ed. Bleckwell Publishing, 2001.

MAUÉS, R. H., Medicinas populares e “pajelança cabocla” na amazônia. In: *Saúde e Doença, um Olhar Antropológico* (P. C. Alves & M. C. S. Minayo, orgs.), pp. 73-81. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1994.

MERCANTE, M. S., *A Seringueira e o Contato: Memória, Conflitos, Situação Atual e Identidade dos Manchineri no Sul do Acre*. Florianópolis : UFSC, 2000. (dissertação de mestrado) 2000.

PIKE, Kenneth. *Phonemics: A technique for reducing languages to writing*. Ann Arbor, MI: University of Michigan, 1947.

PULLUM, Geoffrey K.; LADUSAW, William A. *Phonetic Symbol Guide*. Chicago Press, Chicago, 2005.

RODRIGUES, Aryon. D. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo. Edições Loyola, 1986.

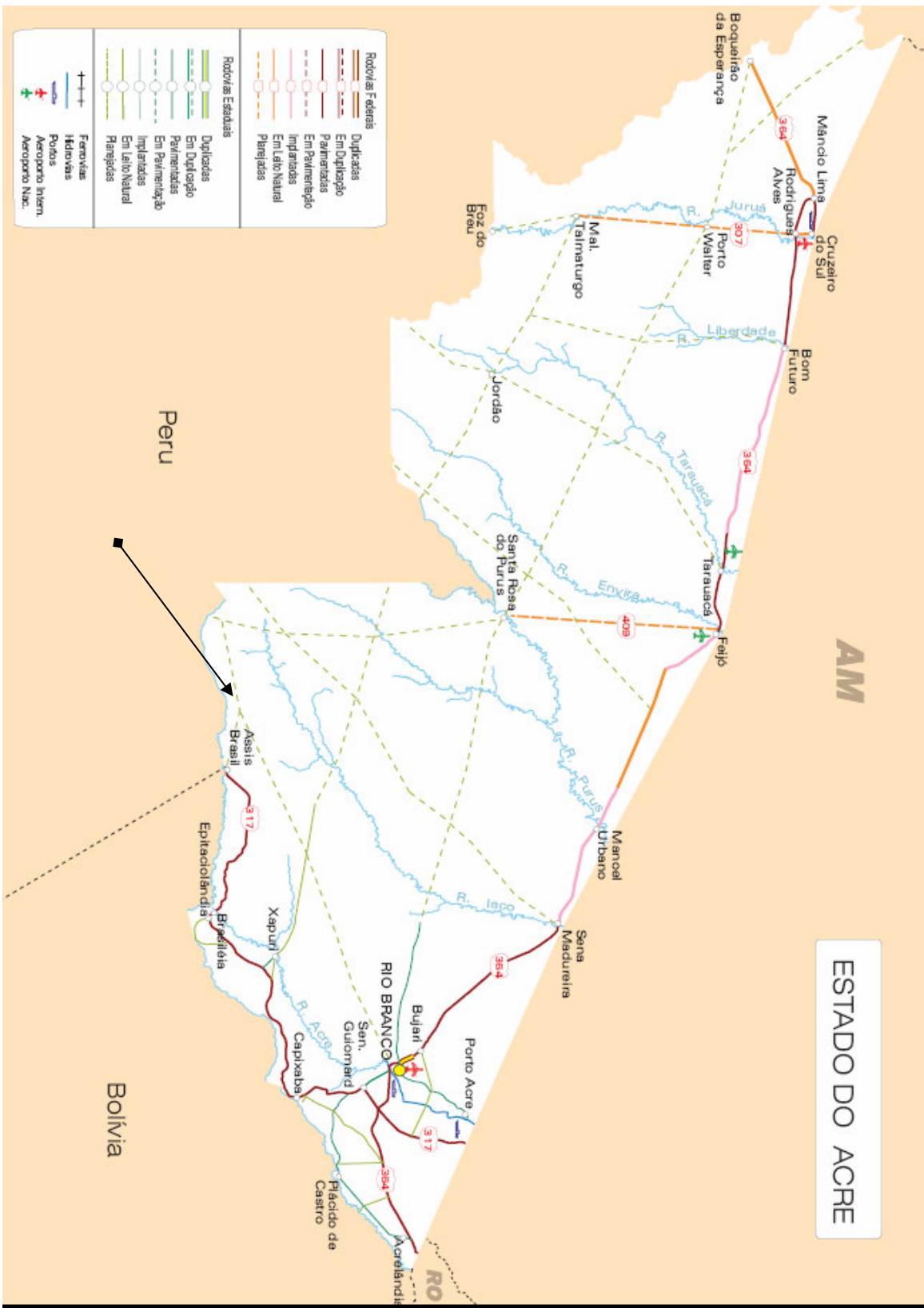
SMA (Secretaria de Meio Ambiente do Estado do Acre), *Áreas de Proteção Ambiental* (Mapa). Rio Branco: Governo do Estado do Acre, 1991.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1971.

SOARES, M. A B. *Iniciação à Fonética*. Rio de Janeiro: Cadernos Didáticos.

WEISS, Helga Elizabeth. *Fonética articulatória*. Guia e exercícios. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1980.

ANEXO



Fonte: iria.luna